



Telmo Nunes

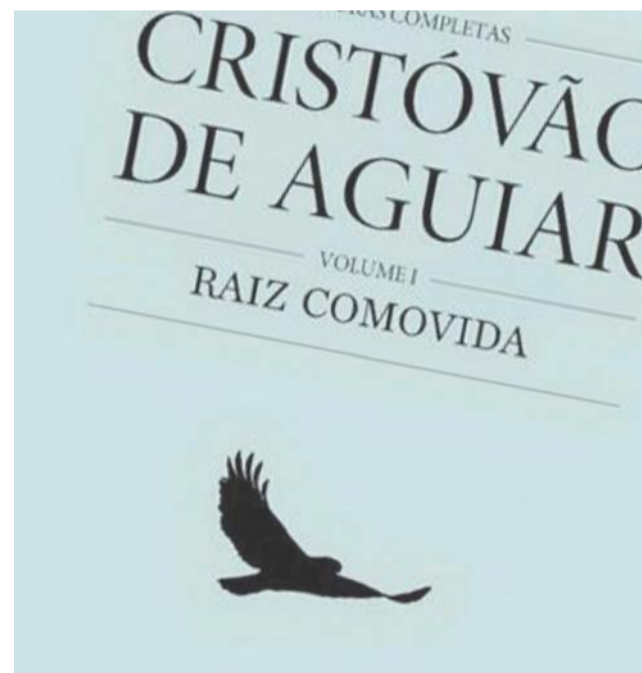
Raiz Comovida, um tratado de linguagem: um retrato antropológico (Conclusão)

A terminar, e porque já longa vai a prosa, talvez não fosse descabido, um olhar um pouco mais acutilante por parte da Secretaria Regional da Educação e dos Assuntos Culturais sobre estas pessoas que, através do seu trabalho, reconhecido virtuosismo e talento, para além de um assinalável comprometimento que já vem de longe, souberam eternizar cabalmente o que é isto de se ser açoriano. Nesse sentido, parece-me imperioso, que sejamos um pouco mais arrojados, e sobretudo mais ecléticos, e tenhamos a coragem de conceder atenção à literatura de qualidade, atempando esse reconhecimento, para que possa ser celebrado condignamente: Não me causaria quaisquer pruridos ver o nome de Daniel de Sá como patrono da EBI da Maia, assim como o de Cristóvão de Aguiar na da Ribeira Grande ou de João de Melo na do Nordeste, como aliás já acontece em outras unidades orgânicas de região. Entre outros, Dias de Melo e Vasco Pereira da Costa merecem, há muito, uma reedição dos seus belíssimos contos, sob pena de caírem no olvido coletivo; Pedro da Silveira, Emanuel Félix e Marcolino Candeias são lembrados quase exclusivamente pela iniciativa privada, e em iniciativas que atingem um público muito reduzido. Relembro, ainda, Fernando Aires, o expoente mais cintilante da diarística nos Açores e um dos melhores do país, e não tenho conhecimento de quaisquer iniciativas governamentais, no sentido de eternizar a obra e lembrar o homem. Houve o descerrar de uma placa em sua residência, mas a cargo da família e, apenas mais tarde, uma outra da responsabilidade da autarquia. Embora abra espaço a informação que me possa ter escapado, não obstante as diligências tomadas, parece-me francamente pouco, para retribuir o tanto que o autor nos deixou. Não haverá, nas nossas escolas, leitores interessados em ler os seus diferentes diários? Que se dissemine a obra. E os virtuosos Urbano Bettencourt ou Emanuel Jorge Botelho, em que têm contribuído os responsáveis governativos no sentido de prestar o justo tributo, ou, pelo menos, legitimamente reconhecer os tão profícuos trabalhos que têm desenvolvido ao longo de décadas, seja resgatando do esquecimento nomes que merecem um pouco mais de atenção, seja pela proficiente obra que ambos têm vindo a desenvolver?

Há aqueles que, não residindo em território arquipelágico, muito se têm batido pelos Açores e pelas suas gentes, seja no Continente, seja na Diáspora,

carregando muito da nossa terra até aos novos mundos, dando a conhecer, ensinando, incorporando os Açores e as vivências açorianas na mundividência alargada que se exige aos novos habitantes destes novos mundos.

Eu corroboro aquela máxima que garante que a génese de um povo reside na sua cultura, pelo que descredibilizá-la será, em última instância, desvirtuar toda a história desse povo, lançando-o a um *deus-dará* cultural, e substancialmente pernicioso. Estou certo de que não será a pretensão deste elenco governativo, que já mostrou bastas vezes ser capaz de tratar a Cultura com o cuidado que se impõe, por isso, é da mais inteira justeza olhar para estas pessoas e para o seu trabalho, procurando dignificar umas e outro, conforme é seu legítimo merecimento, pelo tanto que nos têm dado.



Filipe Fernandes*

Os sapatos dos Descobrimentos ou um texto sobre a dificuldade em mudar



O atento leitor já teve, com certeza, uns sapatos que usou demasiado tempo, para além daquilo que deveria acontecer. Apesar de se encontrarem adaptados às características dos seus pés, começaram a apresentar algumas mazelas, que já não eram passíveis de disfarçar nem com empenho, nem com a utilização estratégica de graxa ou de um qualquer verniz. Mesmo que adaptados ao formato dos pés, já deixavam entrar um pouco de água, nos dias invernosos ou nas alturas sem que não evitou poças de água que foi encontrando no percurso. Mesmo que fizesse um esforço por não valorizar, asua utilização recorrente já lhe valia alguns comentários reprovadores por parte dos mais próximos, alertando-o, com bondade e interesse, para a inadequação da opção de privilegiar o hábito e a rotina, em prejuízo de uma opção diferente, mais funcional e profícuo.

Pode parecer que estamos, unicamente, a falar de sapatos, mas estamos a reflectir sobre a nossa tendência para o conformismo, para privilegiar aquilo que é confortável (rotineiro, habitual e menos desafiador) em detrimento daquilo que pode ser melhor. Estamos a reflectir sobre a tendência que temos para confundir coisas confortáveis com coisas boas.

Os sapatos velhos são confortáveis, não são bons, principalmente quando os usamos sempre, em qualquer circunstância. Podemos adquirir um nível diferente de conforto com outros, mesmo que para tal tenhamos de arriscar, de nos

adaptar, de, no fundo, mudar. Mesmo que tenhamos de abdicar da rigidez dos nossos padrões, como pontos cardeais de orientação interior, arriscando mudar a forma como lidamos com o mundo exterior, com as pessoas que nos rodeiam e, principalmente, o modo como olhamos para nós e como orientamos o nosso diálogo interno. E se é certo que os nossos padrões acabam por ser tendências automáticas de funcionamento, autênticas armadilhas do conforto, é também certo que, mesmo sendo difícil e percebido como arriscado, não são imutáveis, nem eternos.

É, assim, verdade que os nossos padrões podem ser alvo de um feliz upgrade, passando a autênticos Padrões dos Descobrimentos, cujo contributo para maiores índices de felicidade e bem-estar é claro. A psicoterapia surge como uma forma de facilitar estes Descobrimentos e de estimular o processo de mudança.

E, o leitor, tem mudado de sapatos ultimamente?

Fique bem, pela sua saúde e a de todos os açorianos.

Um conselho da Delegação Regional dos Açores da Ordem dos Psicólogos Portugueses.

*Vogal da Direção da DRA-OPP